

Transtemporalidade crítica em três casas do Atelier Aires Mateus

Raul Penteado Neto e Joubert José Lancha

PENTEADO NETO, Raul; LANCHA, Joubert José. Transtemporalidade crítica em três casas do Atelier Aires Mateus. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, e 518, nov 2024

data de submissão: 17/07/2024
data de aceite: 19/11/2024

Raul Penteado NETO é Doutor em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo; professor da FAU UNISAL; raultpenteado@gmail.com

Joubert José LANCHA é Doutor em Arquitetura e Urbanismo; professor do IAU USP; lanchajl@sc.usp.br

Resumo

Este ensaio especula sobre a *transtemporalidade* presente em três casas produzidas pelo atelier dos arquitetos portugueses Francisco (1964) e Manuel Aires Mateus (1963). Propõe e apresenta as múltiplas relações entre as diversas camadas de tempo existentes na *Casa em Campo de Ourique (2016-19)*, na *Casa no Barreiro (2012-22)* e na *Casa AL (2021-)*, esta última ainda em construção. Nos três casos, há reconversões de estruturas abandonadas ou arruinadas em novo uso residencial. Este trabalho busca evidenciar a complexidade presente nas estratégias utilizadas nas obras analisadas e os modos contemporâneos de reabilitar construções abandonadas e reconverter usos, como possíveis instrumentos promotores de longevidade e perenidade em arquitetura.

Palavras-chave: Arquitetura Portuguesa, Aires Mateus, casas, tempo, transtemporalidade.

Abstract

This essay speculates on the transtemporality present in three houses produced by the studio of Portuguese architects Francisco (1964) and Manuel Aires Mateus (1963). It proposes and presents the multiple relationships between the different layers of time existing in the Campo de Ourique's House (2016-19), the Barreiro's House (2012-22) and the AL House (2021-), the latter still under construction. In all three cases, there are conversions of abandoned or ruined structures into new residential use. This work seeks to highlight the complexity present in the strategies used in the analyzed works and the contemporary ways of rehabilitate abandoned buildings and reconvert uses, as possible instruments to promote longevity and perennality in architecture.

Keywords: Portuguese Architecture, Aires Mateus, houses, time, transtemporality.

Resumen

Este ensayo especula sobre la transtemporalidad presente en tres casas producidas por el estudio de los arquitectos portugueses Francisco (1964) y Manuel Aires Mateus (1963). Propone y presenta las múltiples relaciones entre las diferentes capas del tiempo existentes en la Casa em Campo de Ourique (2016-19), la Casa no Barreiro (2012-22) y la Casa AL (2021-), esta última aún en construcción. En los tres casos, hay conversiones de estructuras abandonadas o en ruinas hacia nuevos usos residenciales. Este trabajo busca resaltar la complejidad presente en las estrategias utilizadas en las obras analizadas y las formas contemporáneas de reabilitar edificios abandonados y reconvertir usos, como posibles instrumentos promotores de la longevidad y perennidad en la arquitectura.

Palabras-clave: Arquitectura Portuguesa, Aires Mateus, casas, tiempo, transtemporalidade.



O tempo é a dimensão mais misteriosa da realidade física e da consciência humana; parece evidente no contexto da vida cotidiana, porém é mais compreendido em análises científicas e filosóficas mais aprofundadas (...). O tempo é objeto de fascinação tanto para o escritor como para o cientista e, de fato, hoje em dia os sonhos do escritor de ficção e do cientista dificilmente podem ser distinguidos entre si; ambos sugerem múltiplos tipos de tempo. (Pallasmaa, 2022, p. 391-392, tradução nossa)

Introdução

Este ensaio propõe a análise de três obras projetadas pelos arquitetos Francisco (1964) e Manuel Aires Mateus (1963), realizadas em Portugal, entendidas como casos exemplares mais recentes de reconversão de uso de estruturas preexistentes abandonadas ou arruinadas para fins residenciais. Estuda suas pressupostas relações de atravessamento e superação de múltiplas camadas de tempo. Para tal, faz uso de uma revisão bibliográfica sobre o tempo e as obras selecionadas, em Portugal: Casa no Barreiro (2012-22), Casa em Campo de Ourique (2016-19), Lisboa e Casa AL (2021 -), Melides. Apoiar-se em visitas à campo e ensaio fotográfico para iluminar e demonstrar as questões pressupostas.

As três obras analisadas nesse ensaio têm em comum a articulação inovadora de diversas camadas de tempo. Ao converter estas três estruturas preexistentes para o uso residencial, entrelaçam camadas de tempo, estabelecendo um outro tempo. A transtemporalidade pressuposta nestas obras proviria deste procedimento complexo que supera e atravessa múltiplos tempos. Esta estratégia de superação e convivência forçosamente pacificada de múltiplas camadas de tempo teria sido aplicada pioneiramente pelos irmãos Aires Mateus ainda no começo dos anos 2000, nas casas em Alenquer (1999-2002) e em Azeitão (2001-03), com procedimentos pouco usuais (SARDO, 2005).

Nestas duas primeiras obras em Alenquer e Azeitão, os arquitetos transformaram pioneiramente dois armazéns abandonados em duas novas casas unifamiliares, ao inserir cirurgicamente o programa residencial dentro das estruturas pré-existentes (SEQUEIRA et al, 2019), de maneira abstrata, oposta, concorrente, mas complementar às preexistências. Houve nestas duas obras a criação pioneira de um *outro tempo*, de *harmonia dissonante*, característico do *nosso tempo*. Estas obras abririam as portas para uma abordagem *transtemporal* que marcaria uma série de obras posteriores, na carreira da dupla.

Múltiplos tempos

Como sugerem diversos autores, a ideia de *tempo* é ao mesmo tempo “cósmica e humana” (FRANK, 2011, p. 11, tradução nossa). Tem raiz científica e ao mesmo tempo cultural. Pode ter começado como uma maneira primitiva de medir a recorrência dos ciclos lunares, entre 12.000 e 20.000 antes de Cristo, segundo Adam Frank (2011), e evoluiu até uma abstração mental extremamente poderosa que deu suporte para a chegada da era industrial no final do século XIX, segundo Miguel Nicolelis (2020). O reconhecimento da repetição sistemática dos padrões da natureza foi decisivo no processo civilizatório da humanidade, segundo Norbert Elias (1994). E a partir daí, a “maioria dos seres humanos foi escravizada pela incessante e implacável marcação do tempo” (NICOLELIS, 2020, p.239-240). É interessante observar como a grande maioria das culturas sucumbiu e se deixou seduzir pelo ritmo artificial da marcação do *tempo*. Em paralelo, “pensar o mundo como um conjunto de eventos” (ROVELLI, 2018, p.80), ajudou à compreendê-lo em sua complexidade e complexidade.

Outra questão impulsionada pela divisão abstrata do fluxo contínuo da vida no planeta foi a possível organização das atividades do cotidiano. Admitir e fazer uso dos ciclos temporais inalteráveis e recorrentes ajudou no desenvolvimento da humanidade como um todo: a divisão dos instantes em horas, dias, semanas, meses proporcionaram a repetição de ritos, cerimônias e atividades coletivas (DURKHEIM, 1982). Entretanto, dentro desta aparente uniformidade, há uma constante mudança. O mundo está em constante transformação. O passado congelado das enciclopédias antigas vem sendo reescrito e o futuro já não parece mais tão aberto e favorável assim. Costumes e tradições que não se adaptam às novas práticas sociais de um mundo em constante e rápida transformação tendem a desaparecer. Com a emergência e consolidação das novas tecnologias, o encurtamento das distâncias geográficas parece ter sido transposto para o tempo, que parece estar mais escasso, fluindo num ritmo aparentemente mais acelerado.

Como revela Pallasmaa (2022, p. 391-392, tradução nossa) na epígrafe deste texto, a ideia abstrata de *tempo* é “objeto de fascinação para a humanidade”. E, portanto, já é explorada *poeticamente* na literatura, na música, na geologia, na arqueologia, na física, nas mais diversas ciências, há muito. Exemplos disto aparecem na obra do escritor britânico H. G. Wells (1866-1946), que parece misturar “As viagens de Gul-

liver" (1726) de Jonathan Swift (1667-1745) com a "Utopia" (1516) de Thomas More (1478-1535) para criar uma máquina capaz de viajar no tempo (WELLS, 2019), em "A Máquina do tempo" (1895). Considerado um clássico da ficção científica, o texto explora a viagem entre tempos distantes e suas repercussões no presente, adaptado pelos paradoxos temporais. Na música, o premiado artista e produtor britânico Steven Wilson (1967) parece promover o mesmo entrelaçamento de tempos, ao combinar "Time" (1973) do grupo psicodélico-progressivo Pink Floyd e "Time after time" (1984) da cantora pop Cindy Lauper (1953), na sua interminável e eletrizante peça de art rock "Time flies". Exemplo de pop-prog song que reproduz em seu ritmo a passagem aparentemente acelerada do tempo nos dias atuais. Beber em fontes de 'diferentes tempos' para criar um 'outro tempo' parece estar na natureza das mais diversas atividades humanas.

Entrelaçamentos contemporâneos de camadas de tempo em arquitetura

Na disciplina da arquitetura o entrelaçar de diferentes camadas de tempo com o objetivo de criar um outro tempo, flexível, neutro e genérico, também pode ser observado. Neste texto admitiremos e destacaremos três das múltiplas camadas que o tempo pode assumir no campo da arquitetura: cultural, físico e metafísico. A camada cultural do tempo em arquitetura poderia ser entendida como um conjunto de relações construídas em sociedade e reconhecíveis por ela. "A cultura define a sociedade pela capacidade que ela desenvolve de criar elementos que permitem à própria sociedade se reconhecer" (CESNIK & BELTRAME, 2005, p. 4). Mudam ao longo do tempo, acompanhando as transformações nas ciências, artes e tecnologia. É flexível, adaptável e elástica, em um ritmo, entretanto, lento e errático, muitas vezes. A camada física do tempo em arquitetura poderia ser atribuída a materialidade e morfologia das edificações, muitas vezes únicas ou, opostamente, relacionadas a tradições e tendências temporárias. A camada metafísica em arquitetura dependeria da interpretação do usuário da obra e subordinaria-se à experiência supra-sensível ligada ao seu repertório constituído ao longo da vida, incluindo aspectos conscientes e subconscientes ainda presentes na memória.

No último quarto do século XX, um conjunto de arquitetos eruditos acabaram por utilizar as camadas cultural e física do tempo em favor de uma arquitetura enciclopédica e metalinguística. Buscaram legitimidade no que Roland Barthes denominou "morte do

autor” (HEARTHEY, 2002, p. 10), ou no que Fukuyama chamaria de “Fim da história”, numa alusão a uma sensação geral momentânea de que tudo já teria sido inventado, naquela altura. Alguns arquitetos como Venturi, Rossi, Graves, Johnson, entre outros, levariam a sério essa hipótese e ao final de suas carreiras fundiriam as camadas cultural e física em arquiteturas com cariz taxionômico e alguma vezes lúdico e caricata, no que Jean-Louis Cohen (2013) denominou como “Temporada pós-moderna”. Com o passar das décadas, a manipulação do tempo veio se transformando contemporaneamente na arquitetura. Aquela imobilidade nostálgica do final do século XX, parece ter cedido espaço para uma ação transformadora. Alguns arquitetos parecem ter percebido que uma arbitragem crítica e poética entre as múltiplas camadas subjetivas do tempo, poderiam abrir espaço para obras mais longevas, perenes e duradouras. A criatividade voltaria a ter espaço, com a consciência de que o “excesso de consciência historiográfica destroi a capacidade de criar nova história” (HOBSBAWN, 1995, p.27, tradução nossa).

Em Portugal, Álvaro Siza (1933) parece ter sido um dos primeiros a perceber que o equilíbrio rigoroso na dosagem e mistura entre diferentes camadas de tempo, com apoio na observação de referências extradisciplinares, poderia estar na raiz da questão. O Museu para dois Picassos (1992) parece “ser um passo para a arquitetura sem tempo” (SIZA, 2012, p.37), introduzindo a ideia de uma obra neutra e genérica. Uma peça desvinculada de tendências momentâneas, citações históricas, despojada de tradições e convenções disciplinares. Apoiar-se num processo dialógico, tornando-se uma unidade complexa entre “lógicas, entidades ou instâncias complementares, concorrentes e antagônicas que se alimentam, complementam, mas também se opõem e combatem” (MORIN, 2017, p.208). Esta abordagem parece estar no centro destes projetos que pretendem ser *sem tempo* ou *trans-temporais*.

Estudos de Caso: três obras do Atelier Aires Mateus em Portugal

Os arquitetos Aires Mateus já flertam com essa ideia de “arquitetura sem tempo” desde a virada do milênio, como já fora mencionado anteriormente. Harmonizarão dialogicamente muitas camadas de tempo, com especial cuidado em algumas casas, assim como um escritor faz quando aproxima ideias de textos escritos por diferentes autores de diferentes *tempos*, como

escreve Gonçalo Tavares em seu belo livro "Atlas do Corpo e da Imaginação":

Este abandonar do "modelo temporal de passagem de testemunho, de sucessão linear" é fundamental. Quem está a pensar, neste preciso momento, neste ano, mês, dia, hora, faz uma ação que pode começar por qualquer começo, isto é: uma das marcas de se ser contemporâneo é a *possibilidade de definir começos* (...) a partir do momento que se pode ter no mesmo espaço físico, lado a lado, um livro do séc. X a.C. e um escrito em 2005, a partir do momento em que uma pessoa pode, no intervalo de algumas horas, ler passagens de um e de outro livro, isto é, em duas horas pode *saltar* trinta séculos (e este saltar é um *unir*), a partir do momento em que tal sucede a *cronologia dos pensamentos* torna-se secundária. (TAVARES, 2021, p.32)

Nos últimos anos, a superação e atravessamento das múltiplas camadas de tempo vem sofrendo sofisticadas adaptações a cada novo contexto. As obras se despojam de compromissos ou obrigações disciplinares e estilísticas em favor da criação de "arquitetura enquanto contendor de vida" (BYRNE apud KAMITA e NOBRE, p.55). Obras se preocupam menos com sua resolução formal e mais com a abertura de possibilidades para os usuários. Neste âmbito, o *vazio*, observado na escultura, pintura, música e dança, será protagonista e promotor desta liberdade de uso, adaptabilidade e perenidade nas obras de arquitetura (PENTEADO NETO, 2023).

A Casa em Campo de Ourique, Lisboa (2016-19)

A casa em Campo de Ourique (2016-19) fica situada em uma circunstância especial dentro da cidade de Lisboa, na mesma rua em que fica situado o acesso ao Departamento de arquitetura da Universidade Autónoma de Lisboa (Da/UAL), onde Francisco e Manuel lecionam. Foi projetada dentro do que teria sido um antigo armazém, com estratégia equivalente, porém inovadora em relação às obras realizadas em Alenquer e Azeitão anteriormente.

Propõe uma estrutura nova dentro das paredes pré-existentes, em diálogo com a dimensão arquetípica do armazém que existia ali. Afasta a nova intervenção na extremidade frontal e posterior, abrindo espaços para pátios que iluminam e ventilam as áreas sociais e íntimas, além de acolher e integrar a torre chaminé preexistente.

Subverte a lógica tradicional das casas unifamiliares e dispõe a área social no pavimento superior e os es-



Figuras 1, 2 e 3

Localização da Casa em Campo de Ourique (2016-19), Aires Mateus e Redesenho das Plantas do Pav. Térreo e Superior. Fonte: Penteadó, 2023 (publicação autorizada pelo autor).



Figuras 4, 5 e 6

Casa em Campo de Ourique (2016-19), Aires Mateus. Fonte: Penteadó, 2023 (publicação autorizada pelo autor).

paços íntimos e de serviço no pavimento térreo. Manuel Aires Mateus em entrevista revela a razão deste procedimento, que estaria vinculado à recuperação de uma outra camada de *tempo*, ligada à *memória do arquétipo* do armazém que existira anteriormente ali. A criação deste *vazio arquetipal* é a grande inovação em relação às reabilitações de ruínas realizadas anteriormente em Alenquer e Azeitão.

Na Casa de Campo de Ourique, por exemplo, a história é muito simples: é alguém que quer construir, quer viver num *loft*. Na verdade, não quer viver num *loft*, quer ter uma sala que tenha o espírito de um *loft*. A Casa, no fundo, tem a ver com uma casa tradicional, mas tem um espírito, um espaço muito aberto,

neste topo deste lugar. Então o que nós fazemos é: construímos uma casa e chegamos ao último andar e construímos esta forma de espaço arquetipal que nos liga, de alguma maneira, imediatamente àquela forma arquetípica do armazém, àquele espaço que nos liga imediatamente a uma outra relação. (MATEUS apud PENTEADO NETO, 2023, p.229)

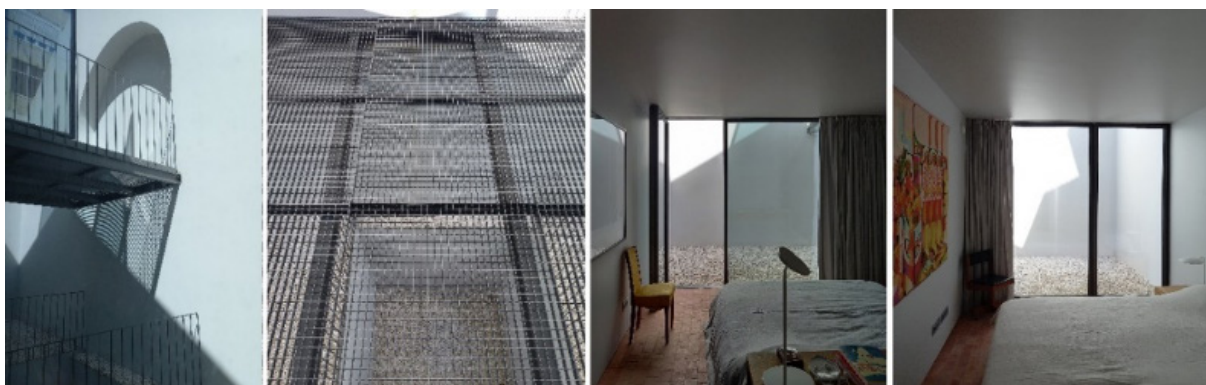
A luz que entra pelas aberturas perimetrais da casa acentua a sensação de grande espaço aberto e livre criado pelo *vazio arquetípico* da área social. Chama atenção também o contraste entre as características das paredes externas antigas e a limpeza e minimalidade do forro e dos caixilhos das grandes portas perimetrais.



Figuras 7 e 8

Casa em Campo de Ourique (2016-19), Aires Mateus. Fonte: Penteado, 2023 (publicação autorizada pelo autor).

Na porção posterior, a nova intervenção evita tocar a parede preexistente do fundo, dispendo apenas uma leve esteira de ferro perfurado que não obstrui a iluminação e ventilação dos pátios do pavimento inferior.

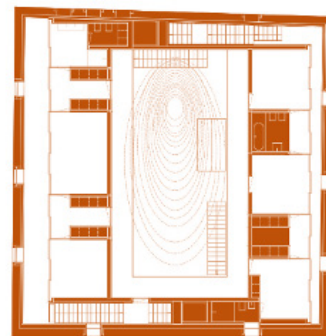


Figuras 9, 10, 11 e 12

Casa em Campo de Ourique (2016-19), Aires Mateus. Fonte: Penteado, 2023 (publicação autorizada pelo autor).

A Casa no Barreiro, Barreiro (2012-22)

Na Casa no Barreiro (2012-22), recentemente concluída, situada nas cercanias de Lisboa, os irmãos Aires Mateus convertem dois galpões arruinados em uma residência unifamiliar.



Figuras 13, 14 e 15

Localização dos Armazéns do Barreiro e Redesenho das Plantas do Pav. Térreo e Superior.

Fonte: Penteadó, 2023 (publicação autorizada pelo autor).

Neste caso, os vazios também são protagonistas na reorganização de toda a disposição dos espaços dentro das paredes preexistentes. A nova massa construída fica independente destes muros perimetrais, cuja estrutura original não se conhecia.

Serão os vazios laterais que irão promover a iluminação e ventilação dos espaços internos. Além dos vazios, as circulações verticais localizadas nos perímetros criarão uma espécie de fluxo contínuo entre pavimento térreo e cobertura.



Figuras 16, 17, 18 e 19

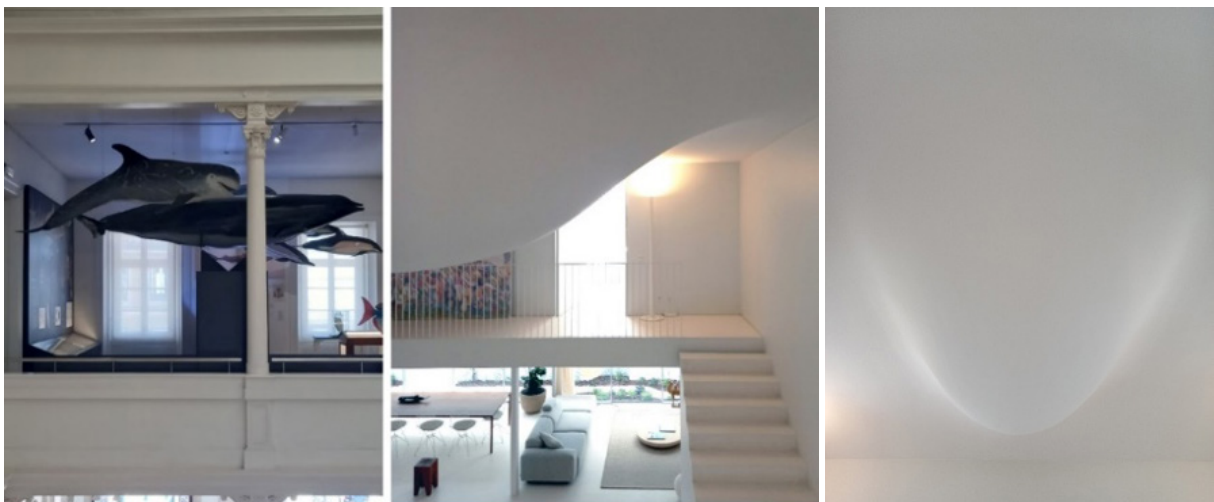
Casa no Barreiro (2012-22), Aires Mateus. Fonte: Penteadó, 2023 (publicação autorizada pelo autor).



Figuras 20, 21, 22 e 23
Casa no Barreiro (2012-22), Aires Mateus. Fonte: Penteadó, 2023 (publicação autorizada pelo autor).

Nesta obra, a cor branca é a grande integradora de todas as dimensões temporais da casa e retira a atenção e tensão dos aspectos particulares de cada construção - antiga e nova - unificando tudo *temporalmente*. Paredes perimetrais originais e a nova piscina situada na cobertura parecem coexistir desde sempre. Nesta casa ainda chama atenção um outro aspecto: uma dimensão de *tempo lúdico* ligado às memórias de infância de Manuel Aires Mateus que frequentou museus de ciência natural, com baleias penduradas em seus tetos.

Eu sempre tive um fascínio em miúdo pelos museus de história natural que têm naquele hall central uma baleia, que é uma espécie de arquétipo do museu natural que tem uma grande baleia pendurada e isso para mim, no fundo, foi o ponto de partida. E dizer que qualquer coisa que podia interferir como um po-



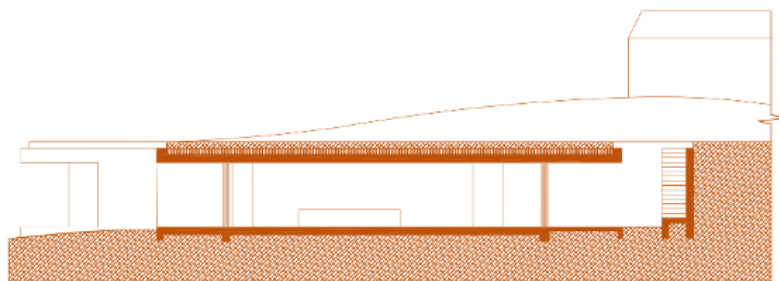
Figuras 24, 25 e 26
Museu de Ciência natural de Lisboa e Teto arredondado da Casa no Barreiro (2012-22), Aires Mateus. Fonte: Penteadó, 2023 (publicação autorizada pelo autor).

sitivo dentro da sala podia ser o negativo para fazer a área da piscina. E isso é uma coisa que também a mim sempre me fascinou: imaginar que há um plano, que se eu mexer, interfere com um lado e com o outro. Desenha a espacialidade para um lado e para o outro. (MATEUS apud PENTEADO NETO, 2023, p.228)

De modo inovador, os arquitetos situam a piscina no topo da edificação com o seu fundo arredondado aparecendo no amplo vazio central social. Com esta estratégia, conferem um caráter *lúdico e travesso* à obra. A grande superfície arredondada situada no meio do vazio da sala comprime o espaço interior e lhe confere uma sensação estranha, criando uma expectativa de colapso eminente do teto. Camadas física, cultural e metafísica entrelaçadas.

A Casa AL, Melides (2021-)

Por fim, na casa AL (2021-), em Melides, em fase final de obras, também reorganiza e propõe um novo uso para uma estrutura pré-existente abandonada. Conserva um pequeno armazém de taipa convertendo o seu uso, em complementação às novas estruturas residenciais implantadas semienterradas, em frente aos sobreiros e à bela paisagem natural da região.



Figuras 27 e 28

Estrutura preexistente da Casa AL (2021-), Aires Mateus e Redesenho do Corte do projeto. Fonte: Penteado, 2023 (publicação autorizada pelo autor).

Neste projeto, diferentemente do anterior, as novas estruturas de uso residencial não estão *dentro* da construção pré-existente, mas *debaixo* dela. Novamente, é o *vazio* que vai atuar como *cola* entre o antigo e o novo. Neste caso, o *vazio* em torno da preexistência arruinada se junta ao *vazio* da paisagem natural em frente às novas estruturas.

A interligação física entre a cota superior e a inferior se dá através de uma circulação vertical que comunica todas edificações. No nível inferior há quatro apartamentos autônomos de diferentes dimensões que compartilharão uma grande área comum com estar, jantar, cozinha e piscina. As novas construções foram



Figura 29
Casa AL (2021-), Aires Mateus. Fonte: Penteadó, 2023 (publicação autorizada pelo autor).

construídas em concreto aparente e utilizam pilares metálicos em cruz em pontos estratégicos, para não obstruir a vista. Grandes vãos e portas de vidro acentuam a conexão com a natureza e paisagem exterior. Múltiplas materialidades e referências se misturam neste projeto: Mendes da Rocha, Mies van der Rohe, Lucio Fontana. Há uma espécie de corte na topografia, que possibilita a implantação cirúrgica dos novos espaços semienterrados que não aparecem na paisagem e não interferem na leitura original do terreno com a ruína na cota superior original, como expõe Manuel Aires Mateus:



Figuras 30, 31, 32 e 33
Casa AL (2021-), Aires Mateus. Fonte: Penteadó, 2023 (publicação autorizada pelo autor).

Nesta casa (...), a ruína é o ponto de partida do projeto. Aquilo que é deixado. E nós estamos neste momento a fazer o projeto da ruína, o que é uma coisa curiosa. Vamos acabar a casa e, portanto, vamos fazer o projeto agora da ruína, para acabar a casa. Mas o que é o projeto? O projeto é, no fundo, um corte na topografia. No fundo é o que fazemos. Fazemos uma espécie de curva de nível e destacamos essa curva de nível no espaço e fazemos viver os dois quartos pequenos, dois quartos grandes e a sala. Mas é uma curva de nível que é construída e é transformada numa... é como se a curva de nível ganhasse espes-

sura para ser, para ser... (...) vivida. E a ideia é que seja só este corte. E o que nós temos depois é uma vida com uma visão sobre a paisagem. Portanto, no fundo, é um golpe na paisagem. É como se imaginássemos um Fontana, com um corte na paisagem. Vamos habitar esse corte na paisagem. (MATEUS apud PENTEADO NETO, 2023, p.230)



Figuras 34, 35 e 36

Casa AL (2021-), Aires Mateus. Fonte: Penteado, 2023 (publicação autorizada pelo autor).

Como Paul Davies especula em “Como construir uma máquina do tempo” (2001), este projeto parece criar literalmente uma espécie de “buraco de minhoca navegável” (DAVIES, 2001, p.67), uma “máquina do tempo” que, dentro da terra *transporta* do tempo presente a uma ideia de *tempo outro*, *multirreferencial*, *flexível*, *genérico* que procura harmonizar com a ruína preservada sobre a terra.

Considerações finais

A partir da breve revisão bibliográfica e da visita às três obras com o apoio de ensaio fotográfico, ficam mais evidentes as estratégias de criação de um *tempo outro*, harmonizador que entrelaça as camadas física, cultural e metafísica de cada obra. O que parece aproximar essas três casas projetadas pelos arquitetos Aires Mateus é a exploração de uma monomaterialidade na unificação das superfícies que privilegia a leitura dos espaços. A utilização dos grandes vazios como agentes intermediadores entre os diferentes tempos, parece ser outra chave para o entendimento destas obras. Por fim, o *atravessamento* de todas as camadas de tempo, reais, imaginárias, coletivas, particulares, conscientes ou subconscientes parece ser o que as torna *transtemporais*, verdadeiras *viagens no tempo*, com o emprego de estratégias renovadas e adaptadas *criticamente* em cada nova circunstância.

Referências

- CESNIK, F. S.; BELTRAME, P. A. *Globalização da cultura*. Barueri: Manole, 2005.
- COHEN, J. L. *O Futuro da Arquitetura desde 1889: Uma História Mundial*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- DAVIES, P. *Como Construir Uma Máquina Do Tempo*. Lisboa: Gradiva, 2001.
- DURKHEIM, E. *Las Formas Elementales De La Vida Religiosa*. Madrid: Akal, 1982.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador: Uma História Dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Vol. I, 1994.
- FRANK, A. *About Time: From Sun Dials To Quantum Clocks, How The Cosmos Shapes Our Lives – And How We Shape The Cosmos*. London: One World, 2012.
- HEARTHEY, E. *Pós-modernismo / Eleanor Heartney*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- HOBBSAWM, E. J. *Historia Del Siglo XX, 1914-1991*. Barcelona: Crítica, 1995.
- MORIN, E. *O Método 6: Ética / Edgar Morin*. 5 Ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- NICOLELIS, M. *O Verdadeiro Criador De Tudo: Como o Cérebro humano esculpiu o universo como nós o Conhecemos*. São Paulo: Planeta, 2020.
- NOBRE, A. L.; Kamita, J. M. (Orgs.). *Arquitetura Atlântica. Deslocamentos entre Brasil e Portugal*. São Paulo, Romano Guerra, 2020.
- PALLASMAA, J.; ZAMBDELLI, M. (Ed.). *Diseminaciones: Semillas Para El Pensamiento Arquitectónico / Juhani Pallasmaa; Matteo Zambdelli (Ed.); Traducción De Moisés Puente*. Barcelona: Gustavo Gili, 2022.
- PENTEADO NETO, Raul. *Aires Mateus: Complexidade Crítica*. Tese (Doutorado) – IAU USP. São Carlos, 2023.
- ROVELLI, C. *A Ordem Do Tempo*. Rio De Janeiro: Objetiva, 2018.
- SARDO, D. *Liminal*. In: LOPES, D. S. *Catálogo Da Exposição Aires Mateus: Arquitetura*. Lisboa: Centro Cultural De Belém. Lisboa: Almedina/Fundação Ccb, 2005.
- SIZA, A. *Imaginar A Evidência / Álvaro Siza*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- SEQUEIRA, M.; TOUSSAINT, M.; MELO, M. (Coord.). *Guia De Arquitetura: Aires Mateus - Projetos Construídos Portugal*. Lisboa: A+A Books, 2019.
- TAVARES, G. M. *Atlas do Corpo e da Imaginação: Teoria, Fragmentos e Imagens*. Porto Alegre: Dublinense, 2021.
- WELLS, H. G. *A Máquina do Tempo: Uma Invenção / H.G. Wells*. Rio De Janeiro: Zahar, 2019.